

# O FUTURO DE QUASE TUDO

COORDENAÇÃO

Margarida Gaspar de Matos

AUTORES

Tony Wainwright, José Luis  
Pais Ribeiro, Isabel Leal,  
Tânia Gaspar, Manuela Faia  
Correia, João Costa, Pedro  
Calado, Anabela Delgado,  
Luísa Coelho, Maria do Céu  
Machado, Osvaldo Santos,  
Thomas Behrens, Miguel Ricou,  
Margarida Gaspar Matos



ORDEM  
DOS  
PSICÓLOGOS

# ÍNDICE

<b>Um Prefácio ao Futuro de Quase Tudo</b> . . . . .	9
<b>Nota inicial</b> . . . . .	13
<b>O Futuro de Quase Tudo</b> . . . . .	19
Escolas . . . . .	20
Trabalho . . . . .	20
Pessoas e Relações Interpessoais. . . . .	20
Saúde. . . . .	21
A Terra. . . . .	21
Os(as) psicólogos(as) . . . . .	22
Para Saber mais . . . . .	25
<b>O Futuro do Bem-estar das Pessoas e do Planeta</b> . . . . .	27
Introdução . . . . .	27
Atividade humana e mudanças ambientais . . . . .	28
O papel das Nações Unidas . . . . .	31
A demografia está a mudar e não está a mudar de igual modo em todo o Planeta.. . . . .	33
A Iniquidade em saúde e consequências futuras. . . . .	33
Papel do crescimento no impacto ambiental. . . . .	34
Migração. . . . .	34
O crescimento económico prejudica o Ambiente e este é um problema com enorme impacto no bem-estar das pessoas . . . . .	35
Crescimento económico não sustentável . . . . .	35
Psicologia e as Ciências da Prevenção . . . . .	36
Comprometimento público e político . . . . .	38
Para saber mais . . . . .	39
<b>A História e o Futuro de Quase Tudo</b> . . . . .	43
A Psicologia . . . . .	44
Quanto global é a Psicologia? . . . . .	47
As Ciências . . . . .	48

## O FUTURO DE QUASE TUDO

A psicologia é uma ciência? . . . . .	49
O iluminismo . . . . .	51
A psicologia de quase tudo . . . . .	52
Para saber mais . . . . .	54
<b>O Futuro do Amor e das Relações Interpessoais . . . . .</b>	<b>57</b>
Dos Futuros Inventados . . . . .	57
O que ficou para trás. . . . .	58
O nosso Século. . . . .	59
As relações na Pós-Modernidade . . . . .	60
Amor e sexo . . . . .	61
E a paixão . . . . .	63
Casamento. . . . .	65
O nosso tempo. . . . .	67
Tendências futuras. . . . .	68
A durabilidade das relações amorosas . . . . .	70
A diminuição dos nascimentos . . . . .	70
O desaparecimento do casamento como contrato público. . . . .	70
Para saber mais . . . . .	71
<b>O Futuro das Organizações e da Qualidade de Vida no Trabalho. . . . .</b>	<b>73</b>
Cultura Organizacional e o Futuro das Organizações . . . . .	73
A Cultura Organizacional e os seus níveis. . . . .	74
O futuro: como é que as culturas organizacionais mudam? . . . . .	77
Cultura Organizacional e Promoção da Saúde e da Qualidade de Vida . . . . .	78
Promoção da Saúde e da Qualidade de Vida . . . . .	79
O Futuro da Qualidade de Vida no Trabalho . . . . .	82
O Psicólogo no Futuro da Saúde das Organizações . . . . .	84
Reflexões finais. . . . .	85
Para saber mais . . . . .	87
<b>Uma Escola com Futuro no Presente e no Devir . . . . .</b>	<b>89</b>
Introdução . . . . .	89
As inevitabilidades de um futuro que já cá está . . . . .	91
Ciência a alta velocidade. . . . .	92
Digitalização e automação . . . . .	94
A avalanche de informação. . . . .	95
Os desafios da sustentabilidade . . . . .	96
Os riscos das certezas . . . . .	98
Bem-estar é estar bem . . . . .	103
Uma escola de possíveis . . . . .	104

## ÍNDICE

A diversidade como norma . . . . .	104
Uma escola promotora de conhecimento aprofundado . . . . .	105
Uma escola com arte. . . . .	105
Uma escola assente em relações . . . . .	106
Uma escola reflexiva . . . . .	107
Do possível ao desejo . . . . .	107
Para saber mais . . . . .	107
<b>O Futuro da Gestão, Qualidade e Desempenho dos Sistemas de Saúde . . .</b>	<b>109</b>
A Qualidade dos Serviços de Saúde . . . . .	109
Os profissionais de saúde . . . . .	110
Cuidados centrados no doente. . . . .	111
O caso do Sistema de Saúde Português . . . . .	112
Desafios do Sistema Nacional de Saúde (SNS). . . . .	116
Portugal e as Instituições Europeias . . . . .	117
Desafios da Gestão das Organizações de Saúde . . . . .	117
Desafios relacionados com os Doentes . . . . .	120
Desafios associados aos Recursos Humanos em Saúde . . . . .	120
Desafios associados à Transformação Digital . . . . .	122
Em síntese, salientam-se seis desafios do Sistema Nacional e Saúde: . . . . .	124
Os Psicólogos nas Organizações de Saúde. . . . .	125
O Futuro da Psicologia da Saúde . . . . .	128
A Comunicação em saúde . . . . .	129
A investigação do custo-efetividade das intervenções psicológicas . . . . .	130
Para saber mais . . . . .	131
<b>O Futuro e a Escolha Global das Migrações . . . . .</b>	<b>133</b>
Análise da população: tendências internacionais . . . . .	134
A situação à escala global . . . . .	134
A situação na União Europeia . . . . .	137
Migrações internacionais no Mundo . . . . .	139
Contexto global . . . . .	139
Qual o futuro das migrações internacionais e da mobilidade? . . . . .	140
Podemos antecipar o Futuro? . . . . .	141
A realidade portuguesa. Como seremos no Futuro?. . . . .	143
Os benefícios da imigração em Portugal . . . . .	145
Desconstruir os mitos através dos números . . . . .	145
Construir (no presente) a política migratória do futuro. . . . .	147
Para saber mais . . . . .	150

O FUTURO DE QUASE TUDO

<b>O Futuro das Artes e da Cultura</b> . . . . .	153
Introdução . . . . .	153
Artes e Cultura. . . . .	154
O Futuro . . . . .	155
A criação artística . . . . .	155
Reflexões finais. . . . .	162
Para Saber Mais . . . . .	163
<b>O Futuro da Saúde e do Envelhecimento</b> . . . . .	165
Para Saber mais . . . . .	172
<b>Ambientes Digitais: Caminhos Atuais com Pontes para o Futuro.</b> . . . . .	173
A dialética entre ambientes digital e físico e os efeitos dos ambientes digitais na saúde humana . . . . .	180
Efeitos negativos da exposição a ambientes digitais . . . . .	181
O outro lado da moeda: efeitos positivos da exposição a ambientes digitais . . . . .	187
Uma agenda de investigação para um futuro a curto prazo . . . . .	191
Para Saber Mais . . . . .	192
<b>Perus Indutivos?</b> . . . . .	195
Para Saber mais . . . . .	198
<b>Os Psicólogos e o Futuro</b> . . . . .	199
Homenagem a Robert Roe. . . . .	199
Por quê Robert Roe e os desafios dos Psicólogos na Promoção e Prevenção? . . . . .	201
O grande desafio da Psicologia na Promoção da Saúde das Pessoas e do Planeta . . . . .	202
Para saber mais . . . . .	205
<b>Uma Reflexão Final sobre o Futuro de Quase Tudo</b> . . . . .	207
Para saber mais . . . . .	213

# UM PREFÁCIO AO FUTURO DE QUASE TUDO

Francisco Rodrigues

Psicólogo, Bastonário da  
Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP)

Quando convidei a Margarida Gaspar de Matos para coordenar este trabalho foi com a convicção que poderia dar um importante contributo para a psicologia, os psicólogos e o desenvolvimento futuro da profissão. A sua experiência, flexibilidade, curiosidade e abertura à mudança associadas a uma visão político-social da intervenção dos psicólogos enquadrados num contexto complexo e cada vez mais desafiante para o nosso futuro colectivo foi determinante. Acresce que a Margarida não tem feito parte das equipas de gestão da OPP ou dos seus órgãos sociais o que certamente reduz a possibilidade de viés da sua abordagem. A proposta que apresentou em termos de formato e intervenientes já demonstrava risco e ambição. Provavelmente estarei a fugir desse mesmo risco no que direi a seguir, mas não a ser menos ambicioso. Digo isto a propósito da ideia ampla e especulativa que o título desta obra nos traz – o futuro de quase tudo - e por afirmar como que em resposta ao que não me perguntaram que este futuro será o que formos capazes de criar. Deixando-nos levar pelos ventos até aos portos de amanhã ou criando as formas de navegação num espaço-tempo infinito de opções para que cheguemos a um universo de estações, estou convicto que podemos ser autónomos e elementos activos nas decisões que fazem o caminho para o futuro. Não isolados. Interdependentes certamente. Todos os que contribuíram para este livro sabem que não conseguimos prever o futuro. Conseguimos prevenir muita coisa. Conseguimos ter uma visão prospectiva acertando

algumas vezes. Todavia, aqueles que aqui aceitaram o desafio, arriscaram o exercício de sonhar ou reflectir, grande parte com base empírica, certos de errar, mas ajudando a pensar caminhos de ação para o futuro. Não esgotam os caminhos, nem os sonhos, nem a reflexão possível. A melhor forma de prever o futuro é certamente construí-lo. Não é uma ideia minha nem nova, mas continua a ser importante lembrá-la pois remete-nos para uma responsabilidade colectiva mas também individual e não diluída que são as nossas ações, a sua, a minha, a de todos nós incluindo as que são em silêncio, omissas até. A construção deste futuro precisa da psicologia e dos psicólogos com as suas especificidades, vulnerabilidades e forças. Esta construção precisa da intervenção dos psicólogos, alicerçada numa firme ética e deontologia profissional baseada em evidência científica e de acordo com a melhores práticas disponíveis, de excelência - não menos que isso - na sua identidade própria, face aos curiosos oportuno-tecnicistas da psicologia, não psicólogos, vendilhões de felicidade fácil e rápida, de soluções de pacotilha, prontos-a-vestir e tão tentadores para si próprios e para tantos incautos clientes. Corremos quase todos sem saber para onde, sendo que alguns terão essa sensação, e todos nós, alguma vez que seja, ambicionamos a pílula dourada e mágica que num ápice nos livra do sofrimento, como que um ente “salvadorífico” que tentamos sistematicamente reinventar como inovação para a nossa angústia. No futuro de quase tudo deverão estar a psicologia e os psicólogos. A psicologia já está em todo o lado, apesar de os psicólogos, em particular em Portugal, não estarem. Várias vezes tenho afirmado que os psicólogos são um recurso inestimável na aplicação da psicologia noutros domínios e saberes, com o conhecimento que têm sobre comportamento, emoções, tomada de decisão e aprendizagem (apenas a título de exemplo), garantindo mais eficiência em processos e desenvolvimentos que vão da construção e melhoria das leis e procedimentos ou à promoção da integridade, até à investigação e aplicação de inteligência artificial ou na resposta à emergência climática, no sentido do melhor desenho de políticas públicas e de apoio a melhores decisões

individuais e colectivas com vista à resolução dos mais variados problemas sociais complexos dos nossos dias. A psicologia e os psicólogos têm também abraçado desafios internos consideráveis que são partilhados com outras ciências. Alguns continuam a ser desafios para o futuro e necessitam do esforço de todos, como o do acesso aberto a publicações ou aos dados das investigações, permitindo mais disseminação de conhecimento, mais replicação e mais dados disponíveis para todos. A psicologia tem dado saltos importantes nestas práticas e assumido por vezes até um papel de liderança no conjunto de outras ciências, mas a qualidade do trabalho realizado, credibilidade, actualização e disponibilidade para melhor acesso aos nossos contributos precisa de um contínuo e reforçado esforço. Sempre nos questionando sobre o que sabemos e o que necessitamos do saber dos outros numa relação multidisciplinar. Mas esta abertura tem que ser acompanhada de uma permanente atenção à nossa identidade enquanto psicólogos, ao que somos competentes para fazer e devemos ser nós a fazer para protecção de todos. Devemos estar muito conscientes que está longe de estar enraizada a ideia que sempre que a sociedade se confronta com desafios associados à forma como as pessoas se comportam e decidem, por exemplo... é de contributos da psicologia e dos psicólogos que necessitam. A primeira responsabilidade sobre esta literacia é dos psicólogos, num esforço permanente no seu dia-a-dia, comprometidos com a sua profissão e com uma ética do dever que lhe está associada. E os desafios de hoje e provavelmente os do futuro próximo serão associados aos comportamentos e decisões dos cidadãos, pelo que estamos convocados para darmos o melhor de nós e persistirmos em criar oportunidades para que isso aconteça.

Por isso é que o futuro de quase tudo nos deve interessar muito e muito nos deve importar e interpelar. Por isso é que o futuro de quase tudo precisa da psicologia e dos psicólogos. Por isso é que precisamos de livros como este para nos espicaçar. Por isso não podemos fazê-lo sozinhos. Por isso o futuro de quase tudo está, não só em aberto, como em acelerada construção e nós temos “apenas” que decidir de



que forma o condicionaremos, mesmo que seja assumindo que será não fazendo nada. De uma forma ou de outra assumamos como nos queremos responsabilizar.

Nota: Escrevi o prefácio deste livro no dia 2 de Dezembro de 2019. Hoje, mais de 2 meses passados do primeiro caso da COVID-19 em Portugal, fica reforçada a ideia de imprevisibilidade do futuro, bem como da incerteza com que vivemos os nossos dias. A prevenção e o papel da Psicologia e do psicólogo ficaram mais visíveis do que nunca, como uma necessidade e parte integrante indissociável da saúde e do bem-estar. Hoje, mais ainda, é importante reflectir sobre o futuro de quase tudo...

## NOTA INICIAL

Quando no verão de 2019 escrevemos “O Futuro de Quase Tudo”, dissemos que *“queríamos sublinhar o papel e a importância dos psicólogos (especialistas em comportamentos) ao longo do ciclo da vida humana e através dos respetivos contextos de vida, face aos desafios da atualidade e face a desafios futuros”*.

Clarificámos que ficaria de fora o que *“ainda nem sabemos que vai acontecer, quanto mais como vai evoluir”* porque, dissemos, *“mesmo a ficção científica futuriza a partir do que há, mas não prevê facilmente ruturas epistemológicas: essas surpreendem-nos sempre e é provável que isso venha a acontecer uma vez mais”*.

Pois bem, não podíamos estar mais certos e, ainda este livro estava na gráfica, estávamos já a deparar-nos com um ENORME novo desafio cuja amplitude não havíamos previsto e cujos contornos, nenhum cidadão, no mundo inteiro, tinha experimentado até hoje.

O Corona virus ou COVID-19 entrou devagarinho nas nossas vidas e em três meses colou-se-nos como uma segunda pele e passou a fazer parte da nossa identidade social e pessoal. Todos, mas todos os cidadãos são chamados a refletir sobre esta circunstância e sobre o modo como melhor a vamos superar.

Primeiro foi “coisa de longe”, daquelas que se veem nas notícias e que apelam para a nossa empatia para com o sofrimento dos outros, embora à distância de um “ecrã”.

Depois foi-se aproximando, passando fronteiras aéreas e terrestres e, na hora que escrevo este texto, ninguém sabe bem o que vai acontecer, mas a preocupação está em todo o lado, em todas as horas, a “boa” preocupação (a preocupação com efeitos preventivos positivos)

e a “má” preocupação (a preocupação com efeitos de criar o caos e o pânico, e sem efeitos positivos).

Este texto que vamos acrescentar “à boca da gráfica” destina-se a ajudar-nos a refletir em como podemos reduzir danos e até aproveitar esta ocasião como uma oportunidade de nos superarmos, flexibilizarmos e de crescermos como pessoas e como cidadãos.

O COVID-19 tem uma evolução exponencial, começou devagar e depois alastrou rápido.

Tanto mais rápido e com efeitos mais devastadores quanto mais pessoas:

- ➔ Circulem e sirvam de veículo de transmissão, não atendendo à urgência da distância social, como um meio eficaz para conter a pandemia.
- ➔ Não tomarem medidas de proteção de si mesmas e dos outros à sua volta, nomeadamente medidas de distância social e de higiene.
- ➔ Usarem indevidamente os recursos de consumo (alimentos, medicamentos e bens de higiene por exemplo), levando ao seu desperdício e carência num futuro próximo.
- ➔ Usarem indevidamente os recursos de saúde (dirigindo-se exageradamente aos serviços de saúde, usando exageradamente as linhas de apoio-saúde disponíveis), levando à exaustão do pessoal de saúde e à carência de meios.

Estou a falar de pessoas e dos seus comportamentos. Está pois na nossa mão conter a pandemia. E temos já muita informação.

O desenvolvimento tecnológico permite-nos informação ao segundo, talvez até demasiada e sobretudo nem sempre de boa qualidade, juntando informações credíveis com boatos que, como habitualmente, só servem para confundir e para criar ansiedade.

Temos neste momento informação de que a situação é pandémica e não pode ser eliminada com efeitos imediatos, mas também sabemos que o seu impacto negativo pode ser largamente minorado, com

medidas de mudança de comportamento e com medidas de saúde pública decretadas pelos governos: os países que agem rápido reduzem a taxa de fatalidade em cerca de 10%.

Temos neste momento a informação 80% dos casos são leves (tipo gripe, e passarão rápido se as pessoas ficarem em casa), cerca de 15% das pessoas necessitam hospitalização, e cerca de 5% necessitam de cuidados hospitalares intensivos. Curiosamente parece-me um quadro que uso habitualmente nas minhas aulas e conferências, como exemplo do que deve ser a organização dos serviços de saúde e onde remato dizendo que se os 80% de casos “suaves” quiserem ter acesso a 5% dos cuidados intensivos, o sistema colapsa. Neste caso, os 80% serão bem servidos com cuidados preventivos. No caso do COVID-19, fiquem em casa!

## **ENTÃO SE TODOS SABEMOS ISTO TUDO, PORQUE NÃO ADERIMOS MASSIVAMENTE?**

Várias razões, todas elas bem conhecidas dos psicólogos:

Uns pelo seu “otimismo irrealista”, em que alguns estão certos que “isto é um exagero”, “a mim estas coisas não acontecem”, “eu sou resistente não faço parte da população de risco”. Por este otimismo irrealista podem as pessoas infetar-se e também infetar os outros.

Há aqui a versão “teoria da conspiração”, onde se ouve por exemplo que “isto é uma invenção política”, “é uma tentativa de controlar o turismo”, “é uma tentativa de diminuir as importações do oriente”, “é uma tentativa de ganhar eleições”, “é uma manobra da máquina económica”. Mesmo assim sendo, esta “crença conspiradora” pode fazer as pessoas infetar-se e também infetar os outros.

Há a versão do “salve-se quem puder” e as pessoas centram-se em si mesmos e saem para se “precarer” comprando toneladas de bens de que provavelmente não vão necessitar e que fazem o mercado entrar

em carência e em entropia. Atulham os serviços de saúde de chamadas e visitas, criando o caos e o colapso de recursos.

Outras pessoas ficam pelas “intenções”, mas não conseguem passar à prática: falta-lhes a convicção, a competência, a motivação, a persistência.

Outras pessoas muito simplesmente não tem a oportunidade: os profissionais de saúde que todos os dias trabalham para que tenhamos cuidados de saúde adequados; outros profissionais que todos os dias trabalham para que tenhamos os bens de consumo, noemadamente medicamentos, bens alimentares e de higiene necessários; para que haja transportes e para que as ruas se mantenham limpas por exemplo.

Por estes profissionais que não têm a oportunidade de se isolar, os que a têm deveriam ajudar, aderindo massivamente a um isolamento social.

Sabemos também que em todas as grandes mudanças sociais há pessoas que facilmente aderem, e neste momento já estão em casa, em teletrabalho, a reinventar-se para ultrapassar esta fase com sucesso e superação, e outras pessoas que vão aderindo mais lentamente, até um limite onde fica mais tarde do que podia ter sido.

Vemos a cada dia que passa, cada vez mais pessoas à beira da rutura: profissionais de saúde à beira da exaustão, de stress laboral e de ansiedade associada ao risco diário; vemos os pais que se isolaram com os filhos em casa e têm de gerir a situação com a tranquilidade possível; vemos adultos que se isolaram com outros adultos dependentes, e que referem o *burn-out* do cuidador; vemos casais com relações tóxicas, que agora se veem em casa num (indesejado e desagradável) convívio de 24 horas por dia; vemos pessoas que vivem sós e que começam a acusar a lentidão da passagem dos dias; vemos pessoas com perturbações da ansiedade à beira do colapso; vemos com perturbações de somatização, que sofrem horrores em casa, com a convicção de que estão infetadas; vemos pessoas deprimidas que sucumbem às habituais dúvidas sobre o sentido das suas vidas.

Vemos também pessoas que consideraríamos mentalmente saudáveis, a dar ânimo a si mesmas, à família, aos colegas, aos vizinhos e aos amigos, muitas vezes à distância; a aguentar o barco, sem já sabermos como vão continuar a criar, a inovar e a superar-se. Mas a acreditarem que é isso mesmo que vão fazer. E todos os dias aparecem mais iniciativas da sociedade civil, para nos protegermos todos, e ajudarmos quem mais precisa.

Os psicólogos têm mais uma enorme missão a cumprir; não nos cuidados intensivos onde outros profissionais são certamente mais úteis, mas em três cenários muito concretos:

- ➔ Por um lado no apoio à adoção de medidas preventivas, a nível das pessoas e a nível dos governos;
- ➔ Por outro lado ao nível do apoio em primeiros socorros psicológicos, às pessoas que no dia-a-dia sintam que não vão aguentando e estão à beira da falência em termos de bem-estar e saúde mental; aos próprios profissionais de saúde na primeira linha; às pessoas que inevitavelmente vão sendo afetadas por vidas perdidas de familiares e amigos.
- ➔ Por fim na organização de serviços de apoio a pessoas com perturbações anteriores a nível da sua saúde mental, sem dúvida casos mais vulneráveis a um agravamento da sua situação.

Vamos a isto!

Este episódio histórico insólito, pesado e incerto que todos estamos a viver não nos deve servir “apenas” para o momento que atravessamos.

Vai ficar-nos para a vida, embora neste momento possamos não ter a distância suficiente para ver assim as coisas.

As nossas vidas não voltarão a ser as mesmas!

Assim esperemos, por todas as pessoas que sofreram e vão sofrer, que as que sobreviverem saibam aproveitar esta experiência nova e este conhecimento adquirido, para tornar as suas vidas mais flexíveis, melhores, mais solidárias e mais rápidas a proteger-se.

## O FUTURO DE QUASE TUDO

Margarida Gaspar de Matos

Psicóloga Clínica e da Saúde e Psicoterapeuta, Professora Catedrática da Universidade de Lisboa (Faculdade de Motricidade Humana e Instituto de Saúde Ambiental (ISAMB), Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion (APPSYCi)/ Instituto Superior de Psicologia Aplicada-Instituto Universitário (ISPA-IU) e Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP)/ European Federation of Psychology Associations (EFPA)

O título, *O Futuro de Quase Tudo*, foi inspirado no título do livro de Stephen Hawking, *The Theory of Everything*, Hawking, 2006, e pretendemos que reflita sobre a vida e as suas contingências, tal como as conhecemos, e devaneie um pouco sobre o modo como elas tenderão a evoluir nos próximos anos, sendo a nossa meta 2030.

Queremos ainda sublinhar o papel e a importância dos psicólogos (esses cientistas, clínicos, educacionais, especialistas em “comportamentos”) ao longo do ciclo da vida humana e através dos respetivos contextos de vida.

Teremos um contributo da História para o futuro, o futuro das relações interpessoais, o futuro da educação, o futuro da saúde, o futuro das instituições, o futuro da cultura, o futuro da demografia e dos movimentos migratórios, o envelhecimento e, ainda, o futuro do ambiente.

Fica de fora o que ainda nem sabemos que vai acontecer, quanto mais como vai evoluir... Mesmo a ficção científica futuriza a partir do que há, mas não prevê facilmente ruturas epistemológicas: essas surpreendem-nos sempre e é provável que isso venha a acontecer uma vez mais.

Ou não fôssemos nós “perus medianamente indutivos”, referindo o texto atribuído a Bertrand Russel, que será retomado no final deste trabalho

## **ESCOLAS**

Será que nas escolas os alunos hoje aprendem para exercer profissões que já não existirão no seu futuro? Por outro lado, será que vão estar preparados para novas profissões que irão emergir? Quais vão ser as aprendizagens verdadeiramente úteis: ensinar a pensar? Ensinar a estar com os outros? Ensinar a lidar com a mudança? Ensinar a empreender? Ensinar a valorizar a Diversidade? Ensinar a estimar e proteger “a nossa casa” / o nosso planeta/ o nosso Mundo?

## **TRABALHO**

E a que iremos chamar “trabalho”? Como iremos entender o trabalho e o lazer? E quais as organizações que acolherão o “trabalho”? E como se articulará o trabalho com o lazer? E com a qualidade de vida?

## **PESSOAS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

E nesta trajetória como se processará a relação entre as pessoas?

No que diz respeito à comunicação, ao afeto, à empatia, à atração, ao toque, ao sexo, à reprodução? Mas também ao ódio, à discriminação, à violência, ao abuso?

A relação entre as pessoas será mais entre-mentes ou entre-corpos? E essas mentes terão corpos ou estarão alojadas por aí, no espaço digital, em exocorpos?

As unidades relevantes serão a pessoa, a família, a escola, o trabalho, a comunidade, o país ou será que unidades até hoje insuspeitas tomarão total ou parcialmente o seu lugar?



Serão relações baseadas no apoio? Na cooperação? Na amizade? No sexo? No poder? Na sobrevivência? Ou “*Outra. Qual?*” (tal como costumamos inquirir nos nossos estudos quando tememos deixar de fora assuntos relevantes).

## SAÚDE

E como vão evoluir os Humanos, as suas mentes e os seus corpos?

A ficção científica brindou-nos com umas propostas de aparências físicas muito semelhantes aos Humanos e com outras com diversos requintes de diversidade.

Mas será que a aparência física terá existência física? Ou passará a existir apenas nas nossas mentes? Acabará o corpo tal como o pensamos neste momento? E neste caso a que se chamará comportamento?

E o que serão os pensamentos sem as emoções e as emoções sem um corpo?

E que novos “estilos de vida” emergirão, para os quais teremos de estudar os determinantes, os fatores de risco e de proteção?

E a que nos levará a procura da felicidade e da imortalidade? (Harari, 2017)

E como serão as doenças do futuro? Serão as doenças de um corpo? Serão as doenças de uma mente? Ou apenas avarias de equipamento? Ou meras avarias da imaginação?

## A TERRA

A ficção científica brindou-nos com propostas de “paisagens”: desde paisagens muito semelhantes às da Terra até outras com vários requintes de diversidade.

Mas será que as paisagens do futuro terão existência física? Ou passarão também a existir apenas nas nossas mentes?

Acabará a “paisagem” tal como a pensamos neste momento? Estival? Primavera? Invernosa? Selvagem? Rural? Urbana? Suburbana?

Simple? Sofisticada? “Indoors”? “Outdoors”? “On-line”? “Off-line”? Planetária? Galáctica? Universal? Atual? Passada? Futurista? Povoad? Deserta? Próxima? Longínqua?

Nesta era digital, o “espaço digital” tem já uma existência onde conceitos como o espaço e o tempo se deformam. Será esse espaço a “paisagem do futuro”? E o bem-estar associado ao usufruto dessa “paisagem” será físico ou virtual? Ou “*Outro. Qual?*” (tal como costumamos inquirir nos nossos estudos quando temos de deixar de fora assuntos relevantes).

E onde se passará todo este “Futuro”? Teremos ainda uma casa a que chamar “Mundo” onde poderemos viver esse nosso Futuro?

## **OS(AS) PSICÓLOGOS(AS)**

Os psicólogos serão mesmo precisos em 2030? E mais além?

A robótica irá preparar um equipamento cheio de paciência e atenção ao discurso e aos requebros não-verbais e para-verbais dos seus utentes, dos utentes desses (talvez) futuros “profissionais do comportamento”.

Irá preparar um equipamento sempre presente, paciente e atento, que responderá com qualidade e precisão às suas necessidades, às suas deambulações, através dos contextos de vida, e à sua trajetória de desenvolvimento.

E esse comportamento robótico e “exemplar” será capaz de gerar uma aliança terapêutica?

Poderíamos imaginar que não, mas provavelmente estamos a imaginar as potencialidades do equipamento com um olhar do século xx, e, na verdade, a aparência física e as funcionalidades destes equipamentos conseguirão, cada vez mais, torná-los mais capazes dessa aliança.

Os robôs-terapeutas serão desenvolvidos por equipas de programadores e psicólogos, mas a crescente possibilidade de aquisição de capacidade autónoma de aprendizagem vai gerar perfis distintos da programação inicial, vai gerar equipamentos divergentes e, possivelmente, mais capazes do que os originais.

É difícil prever onde vamos chegar com esta aprendizagem automática (Domingos, 2017).

Neste momento há um “pequeno” problema de tamanho dos equipamentos. A capacidade de aquisição de informação e da sua transformação por meio de equipamentos eletrónicos tem ainda um “pequeno” limite do espaço de memória e da velocidade de processamento. Mas o que irá acontecer com o desenvolvimento da aprendizagem automática à medida que a familiaridade dos humanos com o algoritmo mestre aumenta (Domingos, 2017; Kaku, 2008; Kaku, 2014)?

Um passado muito recente levantava questões imensamente fraturantes que, na realidade, já nem nos lembramos que um dia foram problemas. Lembrem-se quando os computadores eram enormes e respondiam a cartões perfurados? E uns largos anos depois, quando cada um de nós tinha UM “floppy disk” (uma disquete flexível, de estimação), bem caro e com a extravagante capacidade de 180Kbites?

Ao longo dos tempos a ficção científica tenta levar-nos a sonhar com o que será a evolução Humana, os seus tempos, a sua História... Leonardo da Vinci, Júlio Verne, Orwell e agora o marco do segundo Milénio, com as potencialidades ainda não definidas do mundo digital: que novos desafios?; a busca da imortalidade?; a busca da felicidade? (Harari, 2017; 2018).

Na sua saga da Fundação, Isaak Asimof (1953) imagina uma sociedade gerida por físicos e engenheiros e monitorizada por psicólogos, à qual subtilmente vão empregando a matemática que desenvolve, para a gestão de grandes populações, sugerindo que mesmo em tempos de

grande precisão matemática os cientistas do comportamento serão úteis para a sua aplicação à Humanidade.

Enquanto houver pessoas há comportamentos e enquanto houver comportamentos haverá psicólogos... ou não?

Muito provavelmente vai depender da evolução do conceito de “pessoa” e do conceito de “comportamento”.

Num futuro próximo talvez baste alterar o conceito de “psicólogo”. Retomaremos esta ideia mais à frente, a propósito do legado de Robert Roe.

Muito provavelmente estas são as perguntas de “um milhão de euros” e a ideia aqui não é enumerar soluções sensatas nem milagrosas; mas antes levantar questões ainda sem resposta e traçar caminhos de acompanhamento e, se possível, de antecipação participada desta evolução e do papel da tecnologia, das pessoas, da natureza no futuro do Planeta e, claro, do papel dos(as) Psicólogos(as), especialistas em “comportamentos”, nesta evolução e na possibilidade de sobrevivência da Vida, com qualidade.

Como não poderia deixar de ser, os autores são um conjunto de profissionais de renome, nem todos (mas quase todos) psicólogos(as) – até porque a transdisciplinaridade é precisa para esta questão complexa, **a do Futuro de Quase Tudo** e de tudo o que se poderá adiantar sobre ele.

“Em 2009 organizei uma festa para os viajantes no Tempo na minha escola em Cambridge... Para me certificar de que apenas os verdadeiros viajantes no Tempo apareciam, só enviei os convites depois de passado o dia da festa. Não apareceu ninguém!  
Fiquei desiludido, mas não surpreendido, porque demonstrei que viajar no tempo é impossível. Adorava ter estado errado...”

(Hawking, 2018, p. 153)

**PARA SABER MAIS:**

Asimov, I. (1953). *The second foundation*, Gnome Press.

Domingos, P. (2017). *A revolução do Algoritmo Mestre*, Lisboa: Manuscrito.

Harari, Y. (2017). *Homo Deus – História breve do Amanhã*, Lisboa: Elsinore.

Harari, Y. N. (2018). *21 Lições para o Século XXI*, Lisboa: Elsinore.

Hawking S. (2018). *Brèves réponses aux grandes questions*, Paris: Odile Jacob.

Hawking S. (2006). *The Theory of Everything*, Jaico Publishing House.

Kaku, M. (2008). *A Física do Impossível*, Lisboa: Bizâncio.

Kaku, M. (2014). *O Futuro da Mente*, Lisboa: Bizâncio.

PARA CONTINUAR A LER, ADQUIRIA O SEU EXEMPLAR  
NA SUA ÁREA PESSOAL DO SITE DA  
ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES.

[WWW.ORDEMDOSPSICOLOGOS.PT](http://WWW.ORDEMDOSPSICOLOGOS.PT)